


**UNESP**  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**  
**Faculdade de Ciências e Letras**  
**Campus de Araraquara - SP**

MARIANE SANJUAN NALIN

**Em Cristo, poetas denunciam a podridão da modernidade: uma  
análise da obra “*Tempo e Eternidade*”**



ARARAQUARA – S.P.  
2014

Mariane Sanjuan Nalin

**Em Cristo, poetas denunciam a podridão da modernidade:  
uma análise da obra “*Tempo e Eternidade*”**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Dezembro 2014.

**Orientador: Prof. Dr. Antônio Donizeti Pires**

ARARAQUARA – S.P.  
2014

Nalin, Mariane Sanjuan

Em Cristo, poetas denunciam a podridão da modernidade : uma análise da obra “Tempo e Eternidade” / Mariane Sanjuan Nalin – 2014  
50 f. ; 30 cm

Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras) –  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade  
de Ciências e Letras (Campus de Araraquara)

Orientador: Antônio Donizeti Pires

1. Poesia religiosa brasileira. 2. Modernismo.  
3. Mendes, Murilo 1901-1975. 4. Lima, Jorge de 1895-1953.  
I. Título.

MARIANE SANJUAN NALIN

**Em Cristo, poetas denunciam a podridão da modernidade: uma  
análise da obra “*Tempo e Eternidade*”**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado ao Conselho de Curso de Letras, da  
Faculdade de Ciências e Letras –  
Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção  
do título de Bacharel em Dezembro 2014.

**Orientador: Prof. Dr. Antônio Donizeti Pires**

Data da defesa/entrega: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

**MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientador: Prof. Dr. Antônio Donizeti Pires**  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

---

**Membro Titular: Dr. Alexandre de Melo Andrade**  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

---

**Membro Titular: Dda. Patrícia Aparecida Antonio**  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

**Local: Universidade Estadual Paulista**  
**Faculdade de Ciências e Letras**  
**UNESP – Campus de Araraquara**

À Deus, que se mostrou criador, que foi criativo. Seu fôlego de vida em mim me foi sustento e me deu coragem para questionar realidades e propor sempre um novo mundo de possibilidades.

## AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço ao meu orientador, Antônio Donizeti Pires, pelo apoio na realização desta pesquisa. Seu profissionalismo e sabedoria contribuíram para que este estudo fosse possível.

Aos meus pais, Dorival Nalin e Maria Helena Sanjuan Nalin, que sempre foram cuidadosos, me deram amor, suporte emocional e, principalmente, incentivo aos estudos, desde o início de minha educação até chegar aqui, na Universidade.

A minha irmã e cunhado, Milena e Raul, pelo carinho e sinceridade. A amizade de vocês é fundamental ao longo deste caminho, no qual sempre estiveram presentes.

Ao Fábio Kadri, companheiro de todas as horas. Agradeço por acreditar em mim e por estar ao meu lado nos diversos momentos em que passamos juntos, compartilhando esse caminho da vida.

As minhas companheiras de graduação, Geovana, Beatriz, Mariana e Fernanda, por trilharem este caminho das Letras comigo, compreendendo e compartilhando cada detalhe.

Finalmente, as minhas queridas amigas que estiveram por perto ao longo do desenvolvimento deste projeto, Amanda, Karina, Natália e Sabrina. Obrigada não só por dividirem este apartamento, mas também por compartilharem um espaço cheio de sonhos e de compreensão.

“Poesia, a minha velha amiga...  
eu entrego-lhe tudo  
a que os outros não dão importância nenhuma...”

Mario Quintana (2002, p. 10)

## RESUMO

Este trabalho visa à análise crítica e interpretativa da obra “*Tempo e Eternidade*”, publicada conjuntamente pelos poetas brasileiros Jorge de Lima e Murilo Mendes no ano de 1935, em um projeto chamado “*Restaurando a Poesia em Cristo*”, criado por diversos poetas brasileiros, como Tristão de Ataíde, Augusto Schimdt, entre outros. Ressalta-se a importância dos poemas devido ao momento quando publicados e pela proposta moderna que apresentam, tanto na temática, em que os poetas denunciam a podridão do século através do Evangelho, tanto pela nova modulação estética. Nota-se que na década de 30, o Brasil passava por diversas transformações, tanto em âmbito histórico, na transição dos governos da Oligarquia para o Estado Novo, com a presidência de Getúlio Vargas; e no contexto literário, visto que se dava início a Segunda Fase do movimento Modernista iniciado em 1930 até meados de 1945. Este período demarca a consolidação do movimento em questões estéticas, visto que a maior proposta do Modernismo de 1922 era a libertação do verso e, nesta segunda fase, a busca pela renovação da linguagem e o alargamento de temas na poesia, como a vertente religiosa ou temas político-sociais. Desta forma, objetiva-se com este trabalho demonstrar a importância da obra para a história da literatura brasileira, cotada como parte de um divisor de águas entre a Primeira e a Segunda fase do movimento, pela renovação temática da poesia religiosa e estética, com propostas de uma nova modulação de versos. A metodologia para a análise dos poemas se dará através da proposta de Antonio Candido, em *O estudo analítico do poema*, por meio da interpretação e comentários. Contudo, pretende-se demonstrar através das análises a relevância da obra dos poetas brasileiros, para a área da poesia religiosa e para o movimento literário daquela época.

**Palavras-chave:** Poesia religiosa brasileira; Modernismo; Jorge de Lima; Murilo Mendes.



## ABSTRACT

This assignment aims to do a critical and interpretative review of the masterpiece “*Tempo e Eternidade*”, published by the Brazilian poets Jorge de Lima and Murilo Mendes in 1935. It is a result of a project called “*Restaurando a poesia em Cristo*”, created by many different Brazilian poets as Tristão de Ataíde, Augusto Schimdt, and others. It is worth highlighting the importance of these poems, because of the period when they were published and for the modern proposal, as the theme, which the poets denounce the bad aspects of modernity of the century through the Holy Bible, as also for the new esthetics. In the 30s, Brazil was passing through many changes; in aspects of history – the transition between the governments of Oligarchy to the New State, in governance of Getúlio Vargas; and in the literary context, it was the beginning of the second phase of Modernism, from 1930 to 1945. This period remains the consolidation of the literary movement, in terms of esthetics, since the major proposal of Modernism is freedom of the verse and, in this second phase, the search for a renovation of the language and the enlargement of the themes in poetry, such in the religious aspect or the social-political’ themes. In this perspective, it aims to show the importance of the masterpiece for the history of Brazilian literature, coated as part of a turning point between the first and second phase of Modernism, also for the thematic renovation in religious poetry and esthetics, with a new proposal of esthetics. The methodology for the analyses of the poems will be through Antonio Candido’s proposal, in “*O estudo analítico do poema*”, based on interpretation and comments. Therefore it intends showing through the analyses the relevance of the masterpiece written by the Brazilian poets, to the area of religious poetry and for the literary movement of that time.

**Key words:** Religious Brazilian poetry; Modernism; Jorge de Lima; Murilo Mendes

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>1. PANORAMA LITERÁRIO: BRASIL NA DÉCADA DE 30 .....</b>	<b>12</b>
<b>2. A POESIA RELIGIOSA BRASILEIRA .....</b>	<b>19</b>
<b>3. OS POETAS.....</b>	<b>26</b>
<b>3.1. A OBRA.....</b>	<b>30</b>
<b>4. ANÁLISE DE POEMAS.....</b>	<b>33</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>49</b>

## INTRODUÇÃO

O trabalho a ser apresentado a seguir enquadra-se no campo de Estudos da Literatura Brasileira. Especificamente, a pesquisa apresenta um estudo sobre a obra publicada conjuntamente pelos poetas Jorge de Lima e Murilo Mendes, *Tempo e Eternidade*, no ano de 1935.

Ressalta-se que a obra dos poetas brasileiros traz um conjunto de poemas religiosos, inaugurando o projeto “Restaurando a poesia em Cristo”, em que Jorge de Lima e outros poetas, como Tristão de Ataíde, Ismael Nery, Augusto Frederico Schmidt, uniram-se no propósito de apresentar novos temas e formas para a poesia religiosa. Tal projeto visava o despertar do homem de uma era moderna para o caminho sagrado, em que imagens terrestres e signos da liturgia cósmica cruzam-se em planos díspares de tempo e espaço, segundo a análise do crítico literário Alfredo Bosi. (BOSI, 2006, p. 479).

A proposta principal que engloba toda a pesquisa, parte da originalidade que a obra apresenta, a qual é fundamental dentro do contexto na qual está inserida. Em um contexto literário, pode-se perceber que na década de 30 esfriam-se os ânimos da festa modernista de 22. Observa-se um amadurecimento dos escritores, tanto pelo aproveitamento do caminho aberto pelos modernistas da primeira geração, a libertação estética, quanto pela renovação da linguagem, a qual foi necessária diante do momento histórico vivido.

Observa-se que neste início do século XX, o mundo passava por grandes transformações. No Brasil, dava-se o fim da República Velha (1894-1930), onde as oligarquias de São Paulo e Minas Gerais mantinham acordo, na denominada “República do Café com leite”, a qual inclusive patrocinou a Semana de Arte Moderna de 1922; iniciando-se assim, o Estado Novo (1937-45), governo regido por Getúlio Vargas. Além disso, ao final da década de 30, dava-se o início da Segunda Grande Guerra (1939-1945).

Desta forma, nota-se que as novas manifestações ideológicas que surgiram causaram seu efeito na literatura. A relevância da pesquisa encontra-se na maneira como a obra *Tempo e Eternidade* se apresenta: através de um novo olhar. Também se ressalta o conteúdo que visa afastar o homem da materialidade e do instantâneo, para buscar aquilo que é eterno, além de ser extremamente moderna em sua forma, considerando a consolidação do movimento Modernista.

Assim, este trabalho busca explorar a originalidade que a obra apresenta, pelo viés crítico e literário. Para isto, foi necessário um levantamento bibliográfico sobre o momento histórico-literário, apoiados nos principais críticos da literatura, como Alfredo Bosi, em *A história*

*concisa da literatura brasileira* (2006); Antonio Candido e Aderaldo Castelo em *Presença da Literatura Brasileira* (1968); Massaud Moisés, em *A literatura através do texto* (1973) e Alexei Bueno, em *Uma história da poesia brasileira* (2007). Além de estudos sobre a poesia religiosa no Brasil, baseados em Roger Bastide, com *Poetas do Brasil* (1997).

Além disso, o trabalho traz análises de seis poemas selecionados da obra, visando demonstrar a singularidade e completude que os poetas alcançaram com suas composições. Para tal desempenho, foi necessário recorrer à metodologia de análise de poesia proposta por Antonio Candido, em *O Estudo analítico do poema*, baseado em comentários e interpretação.

Em síntese, o trabalho foi organizado e dividido em quatro capítulos, em que constam por: 1- Panorama literário: O Brasil na década de 30, onde se explica todo o contexto literário que permeia a época da publicação; 2- A poesia religiosa brasileira, apresentando um breve panorama da história da literatura religiosa no Brasil; 3- Poetas e a Obra, explicitando a estilística de Murilo Mendes e Jorge de Lima, e como isso se apresentam no conjunto de poemas estudados; e por fim, 4- Análise dos poemas selecionados, onde o conteúdo do livro é exposto, a fim de demonstrar a relevância da obra, e a beleza dos poemas.

## **1. Panorama Literário: Brasil na década de 30**

No início do século XX, o panorama literário e cultural brasileiro sofreu diversas transformações. Por influências europeias, trazidas ao Brasil, o movimento de vanguardas passou a chamar a atenção da burguesia culta entre paulistas e cariocas. Sobretudo, na Semana de Arte Moderna foi onde o encontro de tais ideias ocorreu, com um propósito de libertação formal e com um ideal nacionalista.

Nota-se que na primeira fase modernista, além da busca intensa pela necessidade de adequar a literatura nacional às vanguardas, o projeto principal que permeia o movimento é o anseio de realizar uma arte nacional, bem como, atualizá-la. Por tal motivo, observa-se um retorno às origens brasileiras, no aspecto cultural, como o folclore, a cultura indígena, dentre outros.

Contudo, o que mais se ressaltou no início deste movimento cultural literário foi a quebra com os rigorosos padrões estéticos presentes no Brasil, como o Parnasianismo, o Simbolismo, por exemplo. Estes foram movimentos literários que demonstravam grande preocupação com a forma e uma linguagem rebuscada. Desta forma, a festa modernista ficou sendo

reconhecida, portanto, pela fase de “destruição” ou “heroica”, como será mais bem exposto posteriormente.

Segundo Massaud Moisés, em *A Literatura através do texto* (1973), o movimento modernista no Brasil pode ser dividido em três fases: de 1922 a 1928, classificado como o período da “destruição revolucionária”; de 1928 a 1945, posto como uma etapa de construção, e por fim, de 1945 até meados de 1960, em que se tem uma geração que defende a primazia sobre a ordem e o caos. (MOISÉS, 1973, p.375)

Entretanto, tal divisão não foi bem recebida pela crítica. Nota-se que há outros estudiosos sobre o movimento, com os quais será trabalhado, tal como Alfredo Bosi, em *A história concisa da Literatura Brasileira* (2006) e Antonio Candido e Aderaldo Castelo, com o livro *Presença- Literatura Brasileira III* (1968). Estes propõem a divisão do Modernismo da seguinte forma: considera-se como movimento modernista entre os anos de 1922-45. Este se estrutura em duas etapas: a primeira fase de 22-30, a qual é vista como “destruição” ou “heroica”; a segunda fase se dá entre 30-45 como “consolidação”; e as produções a partir de 45 são compreendidas como Contemporâneas.

A primeira fase do Modernismo consolidou-se na Semana de Arte Moderna realizada no Teatro Municipal de São Paulo, durante os dias 11 e 18 de fevereiro. A proposta que se apresentava caracterizava-se pela “irreverência iconoclasta (poema-piada)”, pelas palavras de Moisés, em que o nacionalismo desenfreado era exaltado, a fim de criar uma mobilidade estética. Segundo Candido e Castelo, nota-se que a teoria estética deste movimento:

Correspondeu a ele uma teoria estética, mas nem sempre claramente delineada e muito menos unificada, mas que visava a orientar e definir uma renovação, formulando em novos termos o conceito de literatura e de escritor (Candido e Castelo, 1968, p. 7)

Observa-se que dentro do panorama literário brasileiro, quem foi a grande responsável pela ruptura com as tradições do passado, tanto estético, quanto como a forma técnica do pensamento na construção poética foi a poesia. Os registros de inovações radicais na poesia foram possíveis por meio das obras de Oswald de Andrade, Mário de Andrade e Manuel Bandeira.

A ruptura modernista como proposta de objeto estético pode ser exemplificada através da obra de Mário de Andrade. Uma de suas grandes construções foi *A Paulicéia Desvairada*, a qual era acompanhada por seu *Prefácio Interessantíssimo*, onde Mário afirma ter criado o *desvairismo*, o que se trata de uma aproximação com a teoria da *escrita automática*, segundo

Bosi, em que os surrealistas pregavam tal técnica como uma maneira de “liberar as zonas noturnas do psiquismo, únicas fontes autênticas de poesia.” (BOSI, 2006, p. 371). Desta forma, pode-se afirmar que as obras modernistas apresentadas demonstravam-se como uma ruptura com o texto tradicional, elaborado diante de uma norma culta. Notam-se textos literários com uma linguagem coloquial e muitas vezes sem estabelecer sentidos em suas relações, onde há a quebra com a sintaxe.

Abaixo seguem alguns versos da *Paulicéia* que exemplificam tal forma deste fazer poético, onde nota-se inclusive uma exemplificação da ruptura sintático-semântica, umas das características do Modernismo, como citado acima:

Era uma vez um rio...

Porém os Borba-Gatos dos ultranacionais esperiamente!

(ANDRADE, 1987, p.87)

A presença do humor também foi uma das características marcantes da poesia modernista. Em Manuel Bandeira, temos a poesia, em forma de crônica cômica:

“Namorados”

O rapaz chegou-se para junto da moça e disse:

- Antônia, ainda não me acostumei com o seu corpo, com a sua cara.

A moça olhou de lado e esperou.

- Você não sabe quando a gente é criança e de repente vê uma lagarta listrada?

A moça lembrava:

- A gente ficava olhando...

A meninice brincou de novo nos olhos dela.

O rapaz prosseguiu com muita doçura:

- Antônia, você parece uma lagarta listrada.

A moça arregalou os olhos, fez exclamações.

O rapaz concluiu:

- Antônia, você é engraçada! Parece louca.

(BANDEIRA, 1930, p. 142-143)

E também, o polêmico poema-piada de Oswald de Andrade:

AMOR

Observa-se, portanto, que a fase “heroica” modernista é repleta de novas construções, que se afastam dos tradicionalistas, como simbolistas e parnasianos, a fim de propor uma nova concepção. Nota-se que esta primeira fase deu espaço para as aventuras e experimentalismos, em que eram trabalhados “inteiramente na palavra, no ritmo e nos vários traços de linguagem que, afinal, dão à poesia o caráter de poesia” (BOSI, 2006, p. 370), ou seja, nestas características fundamentais da poesia é que se encontram as mudanças e novas propostas estéticas.

Já na segunda fase, a qual será ressaltada neste trabalho, é reconhecida pelo processo de construção e consolidação do movimento. Nota-se que na década de 30, as palavras de ordem de 22 já não eram pregadas com tanto rigor como no início de sua apresentação, entretanto, um novo caminho foi aberto aos poetas contemporâneos como uma nova possibilidade de composição: a liberdade estética. Desta forma, é importante observar que as revoluções literárias estavam passando por um momento de “edificação dum organismo literário coerente” (MASSAUD, 1973, p. 375), ou seja, os escritores da época já dispunham de uma maturidade e liberdade estética para compor.

Em 1935, data do ano de publicação de *Tempo e Eternidade*, obra escrita em parceria pelos poetas Murilo Mendes e Jorge de Lima, o cenário literário encontrado no Brasil é de um esfriamento de ânimos, considerando a reviravolta modernista apresentada na Semana de Arte Moderna de 1922.

Dentro deste panorama, já não se buscavam novas formas de compor a poesia, pois tal busca, pela altura dos anos 30-40, amparada pela consciência da nova linguagem advinda com o Modernismo revolucionário de 22, estaria mais preocupada com o alargamento de temas e a universalidade da poesia; com a questão religiosa e metafísica; ou mesmo com a questão social. Com isto, a liberdade proposta pelos modernistas era utilizada, mas não com muito fervor. Assim, os poetas depois de 30 começaram a demonstrar uma “atitude interessada diante da vida contemporânea”, termo utilizado por Mário de Andrade em seu balanço *O movimento modernista*, tanto para caracterizar os novos pontos, quanto para referir-se negativamente a seus companheiros de geração.

O que é possível esclarecer desta década é que os companheiros de geração dispunham de uma expressão ampla, ou seja, novos moldes para compor o que desejavam. Entretanto, a

pesquisa dos poetas agora, voltava-se para outra necessidade: a busca pela renovação da linguagem, e o teor de mensagens que seriam divulgadas por meio deste veículo literário.

Segundo Bosi, o excesso de experimentalismo estético de 22 fez com que o conteúdo semântico se perdesse, por conta da forma que a mensagem era transmitida entre remetente e destinatário. (BOSI, 2007, p. 470). Por meio desta citação, entende-se que a forma poética havia sido supervalorizada, entretanto, com a maturação dos poetas modernos, a busca voltou-se para a linguagem.

Além disso, o aprimoramento da linguagem se juntou com as modificações ideológicas em que o país vinha passando, com o Estado Novo (1937-45), por exemplo, além da Segunda Grande Guerra (1939-1945) que havia estourado nos países de maior influência econômica. Assim, a consciência artística passou a se preocupar com questões mais sociais e temas universalizantes, resultando em obras como *Rosa do povo*, de Drummond, *Poesia Liberdade*, de Murilo Mendes, dentre outras. Portanto, este novo cenário histórico passou a exigir novas experiências artísticas.

Como exemplificação, segue abaixo um trecho do poema “Remissão” de Drummond, em que o poeta expõe as interrogações e negações da vida, com certo tom reflexivo, visto que o momento histórico era de grande pessimismo:

E nada resta, mesmo do que escreves  
E te forçou ao exílio das palavras,  
Senão contentamento de escrever,  
Enquanto o tempo, em suas formas breves  
Ou longas, que sutil interpretavas,  
Se evapora no fundo do teu ser?

(ANDRADE, 1948, p.248)

Observa-se que os temas tratados pelos modernistas da época de 30 abordavam além das questões sociais e políticas, como já citados acima, a temática religiosa. Esta vertente presente nas obras de Jorge de Lima, Murilo Mendes, Augusto Frederico Schmidt, dentre outros, visava a busca de uma linguagem essencial, afim de experiências metafísicas e herméticas, como afirma Bosi. (BOSI, 2006, p.468).

Como exemplificação, segue abaixo um trecho do poema “Não quero mais o amor” de Augusto Frederico Schmidt, que mostra a saturação do pitoresco e do anedótico:

Não quero mais o Brasil  
Não quero mais geografia  
Nem pitoresco.



Quero é perder-me no mundo  
Para fugir do mundo.

(SCHMIDT, 1986, p.47)

A vertente religiosa surgida em meio ao movimento modernista trata-se de um reflexo de uma ideologia que ordenou a cultura, a estética e a literatura de um determinado período da história literária nacional. (SILVA, 2003, p.174). Portanto, nota-se nos escritores de 30 o desejo de se ver livre do utilitarismo consumista pregado em pleno desenvolvimento da modernidade. Assim, a poesia mística se volta para uma plenitude espiritual, a fim de resgatar o sujeito moderno de seu cotidiano.

Nota-se nos poetas modernos o desejo de um retorno ao passado místico, devido a um desencantamento com mundo em que se vivia. Desta forma, por meio do imaginário, o poeta é capaz de ressacralizar a memória da comunidade.

A poesia, nesta época, através de poetas como Jorge de Lima e Murilo Mendes, se converte em uma fala religiosa cristã, a fim de pregar o catolicismo, como será observado na análise de alguns poemas posteriormente. A renovação da expressão se dá aqui, portanto, pois não se trata apenas de uma expressão, mas de uma linguagem acerca da absoluta Verdade, ou seja, o Evangelho.

Além disso, por tratar-se especificamente da vertente religiosa cristã, a qual resgata valores não só de uma época, mas de toda uma humanidade, utilizam-se símbolos para a representação da busca pelas experiências metafísicas, da aproximação daquilo que é inacessível. Um exemplo é uma das obras de Jorge de Lima, *A Túnica Inconsútil*, em que se trata de uma metáfora da questão da unidade, de algo puro. Nota-se, portanto, características que se reaproximam do Romantismo, pelo desejo de alcançar o inacessível e o idealizado romântico, e do Simbolismo, pelas questões subjetivas, por instigar a profundidade que existe no “eu” e questões transcendentalistas. Uma similaridade que se pode observar aqui é a relação do Simbolismo com a cor branca, e o purismo que a obra de Jorge de Lima expõe.

Abaixo segue um dos poemas desta obra, “A vida incomum do poeta”, em que mostra principalmente a relação do poeta com a fé cristã, não apenas como um homem religioso, mas como um escolhido:

Antes de tudo era um anjo de Deus.  
E sem pedir foi enviado ao mundo.  
Nasceu sem querer numa hora amarga  
Com os estigmas e delitos dos pais

Depois de sugar seios mercenários  
Nasceram dentes de roedor,  
De carnicheiro mastigador.  
Apesar disso era manso sem saber por quê  
E já era homem antes da virilidade.  
Homem feito foi convidado  
A solenizar a sua festa nupcial  
E a transmitir sua posterioridade  
Deu filhos e deu poemas ao mundo  
Que os não compreendeu nem os aceitou.

(LIMA, 1958, p. 419)

Ressalta-se também que esta geração da década de 30 configura-se como uma resistência, pois por meio do retorno ao místico/religioso, propõe-se um projeto de uma lírica essencial, a qual evoque hinos e canções com temas religiosos. Esta configuração será mais discutida posteriormente com o próprio livro estudado *Tempo e Eternidade*, de Jorge de Lima e Murilo Mendes, o qual apresenta um novo projeto estético a fim de criar uma língua sagrada através da poesia.

Dentro deste contexto, é possível afirmar que a Modernidade trouxe o retorno a questões metafísicas e transcendentais, com temas que remontam as características presentes na literatura romântica e simbolista do início ao fim do século XIX (SILVA, 2003, p.177).

Dentre os anos de 30 a 45, portanto, o panorama literário, entre prosa e poesia, é apresentado por Bosi como:

a ficção regionalista, o ensaísmo social e o aprofundamento da lírica moderna no seu ritmo oscilante entre o fechamento e a abertura do eu à sociedade e à natureza. (BOSI, 2006, p.412).

Todas essas possibilidades ocorrem devido à pluralidade da vida moderna, e ainda mais com um rigor semântico, mas que também dispõe de uma riqueza estética. Ressalta-se que este caminho só pode ser trilhado pela possibilidade de liberação estética proposta pela primeira fase modernista.

Pode-se dizer, portanto, que a Geração de poetas de 30/50 passou a escrever uma poesia: “universalizante, metafísica e hermética” (BOSI, 2006, p. 412). Saciando seus leitores diante das inquietações, da busca de uma palavra carregada de “húmus moderno”, segundo o crítico Bosi.

Desta forma, comprova-se a crítica de Massaud Moisés que esta segunda fase do modernismo é a “edificação dum organismo literário coerente”. Visto que os herdeiros da

experiência formal simbolista aderiram consciência sobre a tão pregada “liberdade estética”, combinando em suas obras o novo molde estético a uma linguagem renovada.

Em síntese, observa-se que, em relação à segunda fase do movimento, não houve uma diferenciação brusca com os princípios estabelecidos na primeira fase em 22, mas sim um novo roteiro foi aberto para os continuadores desta liberação estética, como Drummond, Murilo Mendes e Jorge de Lima, por exemplo, os fizeram. Assim, as novas produções literárias a partir de 30 mostram um engajamento com a trama do mundo contemporâneo.

## **2. A poesia religiosa brasileira**

O contexto que abriga a poesia religiosa no Brasil dá-se ainda no período colonial. As primeiras manifestações literárias ocorreram por meio de influências da estética barroca, originada pelo Renascentismo Italiano, no século XVI, que herda as formas de elocução do classicismo e maneirismo, assim como afirma Bosi (BOSI, 2006, p.30). Além disso, a herança medieval é relevante para a configuração inicial da poesia religiosa brasileira, visto que os temas, motivos e formas literárias serão buscados no catolicismo, devido a grande influência dos jesuítas.

Desta forma, a literatura religiosa foi trazida ao Brasil através da figura dos jesuítas no final do século XVI. Pode-se dizer que este é o marco inicial da religiosidade literária, devido aos temas abordados nos textos produzidos. Sabe-se também que na época do Brasil colônia, a vinda da Companhia de Jesus, ou seja, os jesuítas tinham por propósito a disseminação do catolicismo, aonde surge a temática religiosa na literatura.

Embora a tradição portuguesa estivesse fortemente presente no território nacional, a influência literária deu-se através dos espanhóis. Segundo Jamil Haddad, o Brasil não nasce sob o signo de Portugal, mas da Espanha, através da projeção das ideias, de hoje o canonizado Santo Inácio de Loiola, fundador da Companhia de Jesus. (HADDAD, 1966, p.7)

Posteriormente, com a chegada do jesuíta também espanhol, José de Anchieta, a literatura e os estudos sobre a língua do território nacional, o Tupi, foram desenvolvidos escrevendo inclusive a primeira gramática *Arte de Gramática da Língua mais Usada na Costa do Brasil*, publicada em Coimbra em 1595. Desta forma, pode-se comprovar que as influências espanholas estiveram à frente da consolidação da literatura brasileira.

Além disso, a Companhia de Jesus fundou a “Escola Jesuítica”, em que a base de ensinamento era essencialmente barroca. A partir de tal retórica ensinada por eles, a essência

do conteúdo do pensamento nacional baseou-se em tais ideais, em que se tratava da tradição católica.

Entretanto, sabe-se, de acordo com Haddad no prefácio da *Poesia religiosa brasileira*, que o indivíduo barroco vive em uma oscilação entre o hedonismo pagão e o ascetismo católico, ou seja, o drama do homem barroco trata do desejo de aproveitar os momentos efêmeros da vida e preocupar-se com o destino de sua alma, almejando alcançar a salvação.

Nota-se, portanto, que a palavra definidora desta estética é a contradição. Um dos primeiros poetas brasileiros que representa tal geração é Gregório de Matos, considerado ao mesmo tempo o “Boca do céu”, por extravasar sua prece colérica, e o “Boca do Inferno”, por além de uma biografia repleta de vícios, ser um dos mais importantes sátiros do Brasil

A primeira face de Gregório pode ser notada nos versos que seguem abaixo. Na poesia “A Jesus Cristo nosso Senhor” abaixo, observa-se o temor a Deus, clamando pelo Seu perdão diante do pecado cometido.

#### A JESUS CRISTO NOSSO SENHOR

Pequei, Senhor; mas não porque hei pecado,  
da vossa alta clemência me despido;  
porque, quanto mais tenho delinqüido,  
vos tenho a perdoar mais empenhado.

Se basta a vos irar tanto pecado,  
a abrandar-vos sobeja um só gemido:  
que a mesma culpa, que vos há ofendido  
vos tem para o perdão lisonjeado.

Se uma ovelha perdida, e já cobrada  
glória tal e prazer tão repentino  
vos deu, como afirmais na sacra história,

eu sou Senhor, a ovelha desgarrada,  
cobrai-a; e não queirais, pastor divino,  
perder na vossa ovelha, a vossa glória

(MATOS, 1998, p. 253)

Já no segundo trecho do poema “Desaires da formosura com as pensões da natureza ponderadas na mesma dama”, nota-se claramente seu poder satírico.

Viu Fábio uma tarde transportado,  
Bebendo admirações e galhardias,  
A quem já tanto amor levantou aras:

Disse igualmente amante e magoado:  
Ah muchacha gentil, que tal serias,  
Se, sendo tão formosas, não cagaras!

(MATOS, 1998, p.274)

Através das poesias apresentadas, nota-se que a poesia religiosa barroca no Brasil traça características não apenas por termos contraditórios, mas sim pela utilização de figuras de linguagem e um palavreado elaborado.

Desta forma, observa-se que além da poesia estar tomada por antagonismos e contradições, a vida e o comportamento dos homens também se refletia de tal maneira. Sabe-se por Haddad, que vários conventos brasileiros mesclavam a convivência da devoção e pecado. Um dos mais conhecidos é o Convento do Desterro, localizado na Bahia. (HADDAD, 1966, p.9)

Observa-se que o período colonial, representado pela figura de Gregório Matos, demonstra uma alegoria de todo um momento de nossa formação de povo, de religião e de blasfêmia, de vícios e virtudes, ou seja, a poesia barroca desta época reflete a psicologia dessa vida. (HADDAD, 1966, p. 10). Desta forma, pode-se afirmar que a literatura de formação brasileira capta a essência e o comportamento da sociedade brasileira daquele momento.

Posteriormente ao movimento barroco, com aspectos “pesados e maciços”, expressão utilizada por Bosi, surge a necessidade de uma poesia mais leve, assim, busca-se o apelo ao natural, dando início ao Arcadismo. Influenciado também pela ideologia do século das Luzes, O Iluminismo – em que a burguesia culta critica os abusos da nobreza e do clero-, a renovação estética das artes passa de um contraste barroco a clareza do *Árcade*.

Desta forma, a tradição da poesia religiosa passará a ser atenuada. A figura ressaltada será do Herói indiano, como veremos na poesia de Santa Rita Durão. Frei José de Santa Rita Durão (1722-1784) estudou com os jesuítas no Rio de Janeiro, passando pela ordem de Santo Agostinho. Sua poesia, em *Caramuru* irá tratar o “índio como o outro, objeto de colonização e catequese”. (BOSI, 2006, p.72), em que, como característica da poesia *árcade*, demonstra o índio como o “bom selvagem”, sem as amarras da colonização.

O personagem de sua poesia épica é Diogo Álvares, responsável pela colonização da Bahia. Segundo Bosi, ele é “o fundador, o homem providencial que ensinou ao bárbaro as virtudes e as leis do alto.” (BOSI, 2006, p.73). Abaixo segue um trecho do poema épico, *Caramuru*, extraído do Canto I, I:

De um varão de mil casos agitado  
Que as praias discorrendo do Ocidente,  
Descobriu o Recôncavo afamado  
Da Capital brasílica potente:  
Do Filho do Trovão denominado,  
Que o peito domar soube a fera gente;  
O valor cantarei na adversa sorte,  
Pois só conheço Herói quem nela é forte

(DURÃO, 1781, p.9)

Posteriormente, a religiosidade só irá aparecer superficialmente no século XIX, com a corrente do Romantismo, através das figuras de Magalhães e sob influência de Lamartine, considerado por Haddad como “religiosamente tangido”. Entretanto, neste momento já não é mais possível empregar o termo “contradição”, mas as palavras definidoras do movimento passam a ser “ambivalência e caos”, onde o misticismo e o livre-pensamento nele se hibridam paradoxalmente, compactuando com a Crença em Deus e na Ciência.

Gonçalves Magalhães (1811-1882) demarca o início do Romantismo no Brasil com a sua publicação *Suspiros poéticos e Saudades* (1836), em que retrata seus ideais românticos, com nacionalismo e religiosidade, segundo Bosi, como se pode observar no trecho poema “VI – O cristianismo”:

Oh das Religiões a mais perfeita,  
Oh única de Deus, e do homem digna!  
Religião plantada no Calvário,  
E co’o sangue do Cristo alimentada!  
Religião de amor, de paz, de vida!  
Tu, que civilizaste a Europa toda,  
E primeira na América lançaste  
O gérmen da grandeza, a que ela aspira;  
Tu, que marcas de Deus a majestade,  
Os direitos do homem sobre a terra,  
E o seu porvir sublime além da morte;  
Tu, que aclaras os povos, e co’os povos  
De progresso em progresso ovante marchas,  
Como a mãe que acompanha o caro filho,  
Sem que a tua divina essência percas;  
Teus inefáveis dons benigna espalha  
Sobre os filhos dos homens, sempre... sempre.

(MAGALHÃES, 1836, p.25)

Assim, o século XIX acaba exaltando as linhas de pensamento naturalistas e positivistas, evoluindo a crença na ciência. Tais ideais foram difundidos na corrente do Realismo, englobando as tendências Naturalistas e Parnasianas. Entretanto, é a “Escola de Recife”, com Tobias Barreto e Silvio Romero que traz a primeira transposição de ideias da realidade, em termos de consciência cultural, segundo Bosi. (BOSI, 2006, p. 175) Silvio Romero expõe os primeiros abalos no cristianismo em virtude da Escravidão, visto que em meados de 1860 a escravatura fora abolida.

Abaixo segue um poema de Tobias Barreto (1837-1889) expondo o mote abolicionista em frente ao cristianismo:

### A ESCRAVIDÃO

Se Deus é quem deixa o mundo  
Sob o peso que o oprime,  
Se ele consente esse crime,  
Que se chama a escravidão,  
Para fazer homens livres,  
Para arrancá-los do abismo,  
Existe um patriotismo  
Maior que a religião.

Se não lhe importa o escravo  
Que a seus pés queixas deponha,  
Cobrindo assim de vergonha  
A face dos anjos seus,  
Em seu delírio inefável,  
Praticando a caridade,  
Nesta hora a mocidade  
Corrige o erro de Deus!...

(BARRETO, 1989, p.129)

Além disso, ressalta-se a figura de Fagundes Varela no Romantismo, considerado por Bosi como “o maior dentre os menores poetas saídos dos Arcadas paulistas” (BOSI, 2006, p.124). Este compôs *Anchieta* ou *O Evangelho nas selvas*, retratando a vida do jesuíta Anchieta e sua missão com a catequese. Abaixo segue um de seus poemas, em que nota-se a pureza da mensagem evangélica:

Eu creio em ti, e soffro, e o soffrimento  
Como ligeira nuvem se esvaece  
Quando repito teu sagrado nome!  
Eu creio em ti, e vejo além dos mundos  
Minha essência imortal brilhante e livre,

Longe dos erros, perto da verdade,  
Branca dessa brancura imaculada  
Que os gentios, inspirados nessa vida  
Em vão tentaram descobrir nos mármore

(VARELLA, 1875, p.18)

Entretanto, segundo Jamil Haddad, houve também uma reação contra essas tendências científicas do Realismo, dando início então ao Simbolismo, retomando uma corrente de espiritualidade religiosa. Os ideais desta nova composição estética baseavam-se no retorno ao sentimento de totalidade que se perdeu com a crise do Romantismo. Desta forma, aspira-se a integração da poesia com a vida cósmica, o que pode ir a duas vertentes, o religioso ou o filosófico.

Para ilustração, segue abaixo um trecho da poesia “Cristo de Bronze”, de Cruz e Souza, um dos grandes nomes da poesia Simbolista.

Cristos de pedra, de madeira e barro...  
Ó Cristo humano, estético, bizarro,  
Amortalhado nas fatais injurias...

Na rija cruz aspérrima pregado  
Canta o Cristo de bronze do Pecado,  
Ri o Cristo de bronze das luxúrias!...

(CRUZ E SOUZA, 1997, p.15)

A partir do século XX, o tema religioso voltará a ser introduzido na literatura. Desta vez, observa-se que a dualidade entre crença em Deus e na Ciência será contestada por poetas modernistas da segunda fase, onde estes voltam a anunciar a vida cristã em contrapartida da fé debruçada na Modernidade. Como já dito no capítulo anterior, a proposta do retorno à poesia religiosa vem por meio de uma busca pela renovação da linguagem pelos modernistas de 30, quebrando com a proposta inicial do movimento, acerca da fase “destruição”.

Deste modo, nota-se que através de pequeno panorama que o tema religioso na literatura brasileira sempre esteve presente. Embora em alguns casos o eu-lírico conteste a ação de Deus sobre o homem, como fez Tobias Barreto sobre a escravidão, ressalta-se como a fé mantém-se inabalável, visto que se reconhece a existência de um ser supremo e sobrenatural que comanda todas as coisas debaixo dos céus.



Além disso, as questões religiosas irão se manifestar através de duas fontes da poesia. Segundo Roger Bastide, em *Poetas do Brasil*, a poesia primitiva está estreitamente ligada à atividade mágica. (BASTIDE, 1997, p.133). Isso porque a palavra mágica não é comum, mas ritmada, assim como a poética. Além disso, considerando que o próprio nome da poesia, vinda do grego *poiein*, que significa “fazer”, traz o sentido de ação, criação, cujo objetivo é um instrumento de ação sobre o real, assemelhando desta forma, a figura do poeta e do mágico.

A outra fonte da poesia religiosa comentada por Bastide é a mística ou metafísica. Esta ocorre quando o divino se apodera do homem, levando-o a outras realidades. Segundo o filósofo francês

A experiência mística é uma experiência que nos faz sair do mundo das realidades experimentais, destrói os sentidos, cega os olhos e arrasta-nos para outra ordem de realidades, as realidades espirituais. (BASTIDE, 1997, p. 127)

Considerando a poesia como criação e não contemplação, a vertente literária religiosa irá criar um mundo sobrenatural, fazendo da poesia um caminho para Deus, retratando tal experiência mística comentada por Bastide. Esta perspectiva metafísica é observada principalmente na poesia modernista da segunda geração, onde os poetas expressavam através do eu-lírico o desejo de atingir o inefável, o anseio pelo eterno.

Na poesia, a manifestação de transcendência é vista através dos símbolos utilizados para construir tal representação. Por exemplo, na poesia de Jorge de Lima é recorrente o uso de símbolos como o mar, o navio perdido no poema “O poeta perdido na tempestade”, da obra *Tempo e Eternidade*, que retrata o eu-lírico em meio a uma tempestade e a ira de Deus.

Segundo Bastide,

Em uma palavra, a experiência mística só se transforma em experiência poética quando cessa de se alimentar com os símbolos correntes para criar seus próprios símbolos. (BASTIDE, 1997, p. 129)

Desta forma, Jorge de Lima, por sua vez, utiliza o recurso de “transposição dos sentidos”. Um exemplo é a corda do enforcado, que se transforma em um objeto de leveza, onde pela sua santificação torna-se um impulso para o céu. (BASTIDE, 1997, p. 128)

Tais recursos empregados na poesia religiosa criam o fenômeno transicional como fenômeno poético, pois segundo Gilbert Durant, um crítico francês, os fenômenos transicionais são a ponte entre a compreensão do mundo e a atuação nele, a qual depende

também de sua compreensão deste que se estabelece. Ou seja, a poesia transcendente é o que liga diretamente o indivíduo ao sobrenatural.

Desta forma, a poesia religiosa se afasta do mágico e se aproxima do místico/metafísico. Embora, a característica mágica ainda apareça em algumas poesias, pois será a reconciliação do mágico e do cristianismo, sendo, portanto, explicação dos milagres que surgem nos versos desta outra realidade sobrenatural. Ressalta-se que esta é uma das características presentes na obra de Jorge de Lima, as quais serão demonstradas minuciosamente em um capítulo posterior.

Pode-se concluir desta forma, que as duas fontes da poesia religiosa estão interligadas, visto que, o místico transcende e o mágico modifica, segundo Bastide. Embora sejam termos opostos, os poetas brasileiros oscilam entre estas duas possibilidades, mas sempre fazendo da questão religiosa como uma presença marcante na poesia. Tais características descritas acima serão observadas e comentadas na obra *Tempo e Eternidade*, dos poetas Jorge de Lima e Murilo Mendes no próximo capítulo.

### **3. Os poetas**

Neste capítulo inicia-se uma apresentação mais detalhada e crítica sobre os autores da obra estudada, Murilo Mendes e Jorge de Lima. Embora sejam poetas que compartilharam do mesmo momento literário, o Modernismo da segunda geração (1930-1945), e publicaram um livro em conjunto, observa-se que após certo tempo de composição seus caminhos se distinguem no fazer poético.

Começando por Murilo Mendes (1901-1975), nascido em Juiz de Fora, Minas Gerais, sua vida poética iniciaria tardiamente em relação ao seu parceiro Lima, pois sua produção artística iniciara a partir do contato com Ismael Nery, pintor e poeta, aos seus 20 anos de idade. Em 1930, publica seu primeiro livro *Poemas*, o qual recebeu o prêmio Graça Aranha. Em 1934, seu amigo Ismael falece, o que faz com que Murilo passe por uma crise mística, e se converte ao catolicismo. Diante disto, em parceria com Jorge de Lima publica em 1935 a obra *Tempo e Eternidade*, já com uma vertente surrealista. Em 1954, muda-se para Europa, e posteriormente, em 1957, fixa-se em Roma, onde se torna professor universitário de Literatura e Cultura Brasileira. Ao longo dos anos, Murilo torna-se um dos grandes nomes da literatura brasileira pelo seu uso de imagens inusitadas, do inconsciente, onde há simbiose da vanguarda surrealista e do apocalipse bíblico. Falece em 1975, em Lisboa.

Jorge de Lima (1895-1953), conhecido como “O príncipe dos poetas de Alagoas”, logo aos 13 anos de idade já compunha, aos 17 anos já é reconhecido pela versificação em alexandrinos da crônica de Bilac *O acendedor de Lampiões*. Em 1914, forma-se em Medicina, e ao mesmo tempo publica seu primeiro livro *XIV Alexandrinos*. Em 1925, adere ao movimento modernista, passando a escrever versos livres e brancos. Em 1930, muda-se para o Rio de Janeiro. Após cinco anos, converte-se ao catolicismo, iniciando o projeto “Restaurando a poesia em Cristo”, em parceria com Murilo, e publicam sua obra *Tempo e Eternidade*. A partir daí, o poeta passa a compor versos cada vez mais longos e ortodoxos, ou seja, temas de cunho cristão com uma versificação livre, devido ao tema que acompanha suas obras. Sempre preocupado com o social, a questão do negro e a religiosidade. Bosi afirma que Jorge é um poeta “regional, negro, bíblico e hermético” (BOSI, 2006, p. 183). Somente a partir de 1949, que o poeta de Alagoas retornará ao soneto, com a publicação de *Livro de Sonetos*. Em 1952, publica seu último livro *Invenção de Orfeu*. Falece em 1953, na cidade do Rio de Janeiro.

Observa-se pela breve biografia dos poetas apresentada, que posteriormente a parceria criada em 1935 para o projeto “Restaurando a poesia em Cristo”, e principalmente diante de morte de Ismael Nery, os poetas seguiram caminhos diferentes. Logo na década de 40, Murilo publica as suas principais obras como *Metamorfose* e *Poesia-liberdade*, em que sempre se trata da perplexidade em face de um mundo desconjuntado, com a obsessão do caos, mas visando o resgate dos valores absolutos. Estas características podem ser observadas no poema a seguir, “Janela do Caos”, de *Poesia-Liberdade* (1947):

Harmonia do terror  
Quando a alma destrói o perdão  
E o ciclo das flores se fecha  
No particular e no geral:  
Nenhum som de flauta,  
Nem mesmo um templo grego  
Sobre colina azul  
Decidiria o gesto recuperador.  
Fome, litoral sem coros,  
Duro parto da morte.  
A terra abre-se em sangue,  
Abandona o branco Abel  
Oculto de Deus.

(MENDES, 1994, p.437)

Porém, há certos arrancos erótico-místicos que permeiam sua obra. Como a figura do feminino, ora opõe-se, ora une-se às aspirações religiosas, trazendo certa tensão na relação

entre o profano e o sagrado. (BOSI, 2006, p. 480). Conseqüentemente, pode afirmar-se que a tendência religiosa de Murilo passa a diminuir.

Segundo Alexei Bueno, a mudança drástica do poeta mineiro ocorre em 1954 com a publicação de *Contemplação de Ouro Preto*, utilizando a forma do romance na poesia, é repleto de lirismo. Em 1970, há outra mudança estilística do poeta, o qual se aproxima das vanguardas brasileiras. São poemas dedicados a escritores e artistas, denominados “Murilogramas”. (BUENO, 2007, p.330)

Segue abaixo um trecho de um de seus “Murilogramas” dedicado a Graciliano Ramos, referente ao seu personagem mais conhecido Fabiano, de *Vidas Secas*

Brabo. Olho faca. Difícil.  
Cacto já se humanizando,  
  
Deriva de um solo sáfaro  
Que não junta, antes retira,  
  
Desacontece, desquer.  
2  
Funda o estilo à sua imagem:  
Na tábua seca do livro  
Nenhuma voluta inútil.  
Rejeita qualquer lirismo.  
Tachando a flor de feroz. [...]

(MENDES, 1994, p.685)

Enquanto isso, Jorge de Lima, após a publicação de 35, intensifica a religiosidade, afundando em um sopro de origem bíblica, com imagens obscuras que se aproximam do inconsciente, com certa tendência surrealista. Tais características irão se aperfeiçoar com a publicação de *A túnica inconsútil*, em 1938. Segundo Bueno, pode-se dizer que esta tendência de versos longos e ortodoxos, ou seja, que seguem a doutrina cristã, com sentimento místico termina em 1950, onde retorna a forma fixa, como de sua adolescência. (BUENO, 2007, p.306)

Massuad Moisés, por sua vez, classifica a obra de Jorge de Lima em quatro fases: 1ª parnasiana: em que se trata dos poemas iniciais do poeta, pela sua composição em forma de sonetos; 2ª poesia negra: conhecida primordialmente pelo poema “Essa negra Fulô”, em que uma onda de brasilidade e regionalismo permeia suas composições, com inclusive, temas sociais; 3ª místico-católica: esta é qual será minuciosamente tratada posteriormente, visto que se trata da fase em que Lima é convertido, e passa a escrever sobre temas religiosos; e por

fim, a 4ª fase Épica: em a *Invenção de Orfeu*, apresenta uma série de poemas em que há uma combinação entre o catolicismo, o elemento onírico e o surrealismo, recriando o mito de Orfeu. Nota-se que a partir desta classificação, pode-se ter um panorama acerca da produção do poeta, embora as delimitações entre as fases não seja específica em relação aos anos de publicação. Além disso, há características marcantes do poeta, como o tom social, em poemas de todas as fases.

A seguir, pode-se observar o poema “Essa negra Fulô”, referente à segunda fase do poeta:

Ó Fulô! Ó Fulô!  
(Era a fala da Sinhá)  
vem me ajudar, ó Fulô,  
vem abanar o meu corpo  
que eu estou suada, Fulô!  
vem coçar minha cocêira,  
vem me catar cafuné,  
vem balançar minha rede,  
vem me contar uma história,  
que eu estou com sono, Fulô!

Essa negra Fulô!

(LIMA, 1958, p. 367)

Também para exemplificação, segue um de seus poemas da última fase, retirado de *Invenção de Orfeu (1952)*, Canto III – Poemas relativos:

V

Agora o sem senso  
sorriso nos ares,  
minha alma perdida,  
os vales lá embaixo  
de minhas lonjuras  
de não existido,  
parado nos antes,  
nem sei de pecados,  
nem sei de mim mesmo,  
eu mesmo não sou  
nem nada me vê;  
ausentes palavras  
não soam no vácuo  
dos antes das coisas,  
das coisas sem nexos,

nem fluidos. Só o Verbo  
chorando por mim.

(LIMA, 1968, p. 117)

Em síntese, pode-se dizer que tanto Jorge de Lima como Murilo Mendes apresentam em suas obras uma simbiose entre o surrealismo, repleta de imagens ricas, tanto do inconsciente, como da visão apocalíptica da vertente cristã. Porém, encontra-se neles a suas diferenças, a habilidade artesanal de Murilo Mendes, capaz de chamar a atenção ao social, que vai do erudito ao coloquial, e em Jorge de Lima pelo interseccionamento do real com um onírico, de uma poesia metafísica.

Desta forma, tais características unir-se-ão em prol do projeto “Restaurando a poesia em Cristo”, na publicação da obra *Tempo e Eternidade* (1935).

### 3.1. A obra

Como já dito anteriormente, a obra dos poetas Jorge de Lima e Murilo Mendes, *Tempo e Eternidade*, foi publicada no ano de 1935, através do projeto “Restaurando a poesia em Cristo”. Considerando o contexto literário no qual está imersa, a segunda fase do Modernismo (1930-1945), é possível notar que esta é uma obra rica, em termos de projeto estético, devido a sua inovação temática, cujo é a exaltação de um Deus supremo, diante da incredulidade que a modernidade vinha apresentando; junto da adesão da nova proposta de livre modulação de versos. Portanto, é uma obra que pode ser considerada moderna, sem extremismos. Além de sua temática tratar-se de uma exaltação da pura arte cristã, em que por meio do eu-lírico, os poetas denunciam a podridão da modernidade, por ter afastado os homens de seu tempo da Verdade em Cristo, com intuito de restaurar a temática da poesia religiosa cristã.

Embora não seja uma obra aclamada pela fortuna crítica, *Tempo e Eternidade* não deve passar despercebida pela beleza que seus versos apresentam, mesmo tendo sido publicada em meio ao silêncio, sem atrair os olhares positivos da crítica. Ressalta-se também, que este é um livro de difícil acesso. As únicas edições disponíveis em mercado são edições de ouro, as quais são livros com uma edição de custo elevado, e com poucos volumes à disposição do leitor.

Logo após a publicação da obra, Tristão de Ataíde escreve uma nota preliminar sobre o livro em foco, divulgada na imprensa em 23 de junho de 1935, em *O Diário* de Belo Horizonte, ressaltando o porquê da beleza e da importância dos poemas publicados em conjunto:

Porque esses poemas refletem diretamente a beleza dogmática. Suas linhas são lisas, altas, diretas, rudes, como as da própria figura da Igreja tão desfigurada pelo Romantismo devoto ou pela paixão sectária. (ATAÍDE, 1935, p. 379).

Através da irregularidade das linhas que Ataíde apresenta, pode-se afirmar que os poemas trazem uma inovação estética, devido a grande proposta de libertação do verso dos Modernistas. Esta a qual dá continuidade ao projeto Modernista, mas sem experimentações artificiais como os poetas de 22 costumavam apresentar. Nesta obra encontram-se poemas curtos e longos, salmodiados, dentre outros, ou seja, apresenta uma variedade de poemas, tanto complexos, construídos através de imagens e símbolos, como simples, de linguagem facilitadora e objetiva.

Além disso, a importância da obra estudada se dá por se tornar um divisor de águas tanto para os poetas e quanto para a poesia brasileira, segundo as ideias de Antonio Candido e Aderaldo Castello (CANDIDO; CASTELLO, 1968, p.23). A produção do projeto “Restaurando a poesia em Cristo” ocorre posteriormente à morte de Ismael Nery, amigo em comum de Jorge de Lima e Murilo Mendes. Desta forma, eles decidem publicar estes poemas em conjunto. Entretanto, durante a leitura da obra é possível distinguir as vozes, tanto de Lima, como de Mendes.

Como exemplificação, segue abaixo a poesia Salmodiada, composta por Murilo Mendes. Ressalta-se nela, além de seu caráter inovador na forma, a clara visão de denúncia social do poeta – a qual é uma das características que distinguem as vozes dos poetas dentro da obra.

#### SALMO N°4

Ó tu que mandaste um serafim  
Purificar os lábios de Isaías com um carvão ardente,  
Limpa meu coração de todo desejo impuro.  
Imprime em mim tua cruz que desconhece limites.  
Faze com que eu renegue a ciência do mundo.  
Apaga em mim o encanto pelas conquistas do tempo,  
Inspira-me para que eu possa inspirar os outros.  
Digna-te descer a todo instante na minha alma.  
Cairão fábricas, palácios e choupanas,  
Cairão museus, teatros, igrejas, bibliotecas,  
Os poetas e os falsos salvadores do mundo, chefes e empregados;  
Mas um anjo de asas unindo o universo de ponta a ponta  
Levará as tuas palavras até o fim do tempo e por toda a eternidade.

(MENDES, 1994, p.260)

Enquanto a poesia de Murilo Mendes traz a modulação do verso salmodiado, Jorge de Lima apresenta uma variedade de poesias, tanto curtas, como longas. Abaixo, portanto, segue uma de suas composições onde há a representação de versos longos, com uma temática voltada para o universo sobrenatural. Além disso, neste poema há a apresentação da religiosidade como mágica, retomando o que foi dito no capítulo anterior, com Bastide.

#### OS VÔOS ERAM FORA DO TEMPO

As mágicas que a Graça do Senhor faz são Poesia.  
Vi dos centauros caírem cascos,  
Saírem asas.  
As mágicas que a Graça do Senhor faz são Poesia.  
Vi o ladrão entrar com o Filho de Deus na Luz.  
Um homem ficou cego, ficou sábio, ficou santo  
Indo para Damasco.  
A Graça do Senhor, a Musa do Senhor, a Poesia do Senhor  
São além do espaço, além do tempo.  
Bendita a eterna Poesia.  
A vaga insolente subiu. A Graça do Senhor me defenda.  
Vi as praias cheias de ossos estranhos. Ainda estou de pé,  
As montanhas estão de pé, a igreja do Senhor estará de pé.  
Um cego viu a Luz, um mudo falou Poesia, um surdo ouviu [Poesia.  
Uma camponesa viu a Virgem. Então nasceu uma fonte.  
Espreitamos o movimento das águas. Eu tenho o gosto de morte [na  
boca.  
Quero dobrar os meus joelhos e o meu espírito.  
A Graça me concedeu o gosto da Vida, a vida que nomeio não é  
[daqui.  
As mágicas que a Graça do Senhor faz são Poesia  
Vi dos centauros caírem cascos, saírem asas.  
Das asas saírem vôos.  
Os vôos eram fora do mundo.

(LIMA, 1958, p. 413-414)

Ataíde, em sua nota preliminar, afirma que Murilo Mendes, mediante a conversão ao catolicismo, apresenta angustiadamente a luta contra anjos de trevas e de luz; enquanto Jorge de Lima faz-se representante do sentimento religioso popular, com devaneio característico de um poeta moderno, como visto nos poemas acima.

Posteriormente à publicação, como foi apresentada no tópico anterior do capítulo, os poetas seguem rumos diferentes. Murilo, o qual estava em uma dualidade, entre não aceitar as injustiças do mundo e a completa conversão pela Palavra Sagrada, opta por deixar o caminho



religioso, enquanto Jorge aperfeiçoa sua escrita mística nas publicações de outras obras. Desta forma, a obra em questão demarca sua importância.

Entretanto, o crítico literário Alfredo Bosi apresenta *Tempo e Eternidade* como: Em Murilo Mendes, como a representação da restauração da poesia religiosa, em que se unem ortodoxia e a forma moderna de pensamento; enquanto em Jorge de Lima, é o entrelaçamento da nota social, que sempre aparece em seus poemas, em um ponto de vista de transcendência. (BOSI, 2006, p. 479, 485). A partir desta afirmação, pode-se constatar que Bosi passa pela obra como apenas parte de um projeto de restauração do tema religioso, em conjunto com outros poetas da época, como Augusto Frederico Schmidt, Ismael Nery, Tristão de Ataíde, dentre outros.

Além disso, o crítico afirma que esta fase da poesia católica engajada não atinge nível satisfatório de expressividade; e que embora fosse necessário recorrer a novos códigos rítmicos, a camada doutrinária “não soube se resolver em imagem e música”. (BOSI, 2006, p. 485). Desta forma, pode-se afirmar que mesmo que a obra “não satisfaça a todos os paladares” por tratar tais poemas como um “alimento forte, ácido mesmo e seco” (ATAÍDE, 1959, p. 379), pelas palavras de Tristão de Ataíde, *Tempo e Eternidade* apresenta sim uma renovação de linguagem religiosa, além das diversas formas e ritmos que colabora com a consolidação da liberdade pregada pelos modernistas, fazendo da obra, portanto, como um divisor de águas do Modernismo e não uma mera exemplificação do projeto “Restaurando a poesia em Cristo”, discordando da vertente de Bosi, neste aspecto.

Por fim, pode-se considerar que *Tempo e Eternidade* é uma obra que, embora criticada, demarca sua importância na história da poesia brasileira. Seus versos refletem a volta ao essencial da vida, a Fonte de beleza e explicação das coisas do mundo. Além de inspirar toda essa metafísica e transcendência com ares modernos de composição.

#### **4. Análise de poemas**

Este capítulo é dedicado exclusivamente para a análise das poesias extraídas da obra estudada, *Tempo e Eternidade*. Foram selecionados seis poemas no total, sendo três escritos por Jorge de Lima (“Poeta, Poeta não podes”; “Adeus poesia”; “Quero ser ensinado por Deus”) e três por Murilo Mendes (“Vocação do poeta”; “URSS”; “Angústia e Reação”). A escolha se deu pela temática semelhante entre eles, a fim de demonstrar como a obra é construída, tanto pela singularidade da composição dos poetas, tanto pela unidade que eles transmitem.

Nos poemas “Poeta, poeta não podes” e “Vocação do poeta”, há a manifestação metapoética dos autores. Nota-se que ambos irão tratar de que forma os poetas devem se apresentar diante da sociedade e da palavra de Deus, embora Jorge de Lima e Murilo Mendes abordem o tema de maneiras diferenciadas.

Desta forma, observaremos como esta questão é trazida à tona, primeiramente com Jorge de Lima.

#### POETA, POETA, NÃO PODES

Desarrumar as terras do mundo.  
Poeta, podes fazer.  
Arrumar sem limites de pátria!  
Poeta, podes fazer.  
Derramar azeite no mar,  
Plantar flores no topo dos montes,  
Plantar trigo nos vales do mundo.  
Poeta, podes fazer.  
Abrandar os tufões do espaço,  
Acabar com os tiranos do mundo.  
Poeta, podes fazer.  
Extinguir a palavra de Deus,  
Afastar a Verdade da Terra.  
Poeta não podes fazer.

(LIMA, 1958, p. 393)

Observa-se no poema acima que o eu-lírico traz uma mensagem fundamental. Primeiramente, nota-se uma sequência de afazeres que poeta pode realizar, como “arrumar os limites da pátria” no verso três ou interferir nas injustiças dos tiranos, como no verso 10. Porém, o item primordial é o que não deve ser feito, apresentado no final, que é “Extinguir a palavra de Deus/Afastar a Verdade da Terra”. Consequentemente, interpreta-se que a função do poeta é não deixar de pregar a “Verdade da Terra”. Desta forma, o eu-lírico se coloca no mesmo plano de um profeta, termo designado aos “Homens que proferem a palavra do Deus Altíssimo”, segundo a definição do dicionário. Além disso, a poesia religiosa é manifestada pela utilização do recurso mágico que Roger Bastide comenta, também visto em capítulos anteriores, onde o poeta é capaz de “Desarrumar as terras do mundo” e influenciar na natureza.

Desta forma, ressalta-se o poder que se atribui a este poeta: “Acabar com os tiranos do mundo”, ou seja, lhe é permitido tocar na questão social, e também interferir na ordem natural do mundo, como “abrandar os tufões do espaço”, ou até mesmo nas coisas simples, como “plantar flores nos topos dos montes”.

Nota-se que esta autoridade só lhe é dada pelo poder da palavra. A figura do poeta aqui representada se coloca até mesmo acima dos profetas comuns, pois a diferença se dá no fato que estes devem apenas anunciar a Palavra de Deus. Entretanto, os poetas-profetas detêm uma dupla função: trazer a palavra poética- o que lhe dá poder para interferir na ordem natural que rege o mundo, e também no sobrenatural – por meio da palavra sagrada. Portanto, a questão da palavra, da linguagem é fundamental para o poeta, pois só através dela, tais funções se tornam possíveis.

Ressalta-se também o caráter formal da poesia, em que se tem um poema de uma única estrofe, com versos livres e brancos, ou seja, sem métrica ou rima regular, o que o considera como poema Modernista, conforme detalhado no primeiro capítulo. Contudo, a rima é construída na poesia através da repetição de palavras e do verso “Poeta, podes fazer”, como uma espécie de refrão.

Portanto, observa-se na poesia de Jorge de Lima que a mensagem fundamental é que o poeta cumpra seu papel “semear o trigo nos vales”, ou seja, anunciar a palavra de Deus em lugares que é preciso, sem jamais afastar a Verdade dos homens modernos.

Já em Murilo Mendes, a função do poeta é revelada de outra maneira, como se observa no poema que segue abaixo:

### VOCAÇÃO DO POETA

Não nasci no começo deste século:  
Nasci no plano do eterno,  
Nasci de mil vidas superpostas,  
Nasci de mil ternuras desdobradas.  
Vim para conhecer o mal e bem.  
E para separar o mal do bem.  
Vim para amar e ser desamado.  
Vim para ignorar os grandes e consolar os pequenos.  
Não vim para construir minha própria riqueza  
Nem vim para destruir a riqueza dos outros.  
Vim para reprimir o choro formidável  
Que as gerações anteriores me transmitiram  
Vim para experimentar dúvidas e contradições.  
  
Vim para sofrer as influências do tempo

E para afirmar o princípio eterno de onde vim.  
Vim para distribuir inspiração às musas  
Vim para anunciar que a voz dos homens  
Abafará a voz da sirene e da máquina,  
E que a palavra essencial de Jesus Cristo  
Dominará as palavras do patrão e do operário.  
Vim para conhecer Deus meu criador, pouco a pouco,  
Pois se O visse de repente, sem preparo, morreria.

(MENDES, 1994, p.249)

Desde o início do poema, o eu-lírico vem afirmando suas origens “Não nasci no começo deste século”, mas sim do “plano do eterno”. Além disso, o poeta traz uma bagagem consigo, visto que nascera de “[...] mil vidas superpostas”. Desta forma, afirma-se que a vocação do poeta, assim como sua importância, multiplica-se, pois seu propósito de vida é tido como representação destas “[...] mil ternuras desdobradas”.

Observa-se neste poema que o seu plano semântico também traz a preocupação de qual é a função do poeta. O eu-lírico de Murilo Mendes aborda tal temática através não do mágico e da palavra como seu parceiro, mas através de imagens cotidianas de uma sociedade moderna injusta, a qual deve ser amparada pela ação do poeta, em virtude dos desfavorecidos, como se comprava através do verso oito, em “consolar os pequenos”. Agindo, portanto, em prol das “gerações anteriores”, como é descrito nos versos de cinco a 13.

Nota-se aqui que a atitude do poeta assemelha-se com a figura do próprio Cristo, Jesus. Além disso, a disposição do poeta em “sofrer as influências do tempo”, a qual é sua vocação, está embasada em um dos mais importantes princípios cristão, o qual é “Ame ao próximo como a ti mesmo”. Ainda através deste verso, é possível ler a questão do “tempo”, como a vida mundana, em contrapartida do “plano do eterno”, citado anteriormente, que é a representação de uma vida com Deus. Afirma-se, portanto, que por tal dualidade que o poeta se encontra, traz sofrimento.

Por fim, todo esse conhecimento do poeta, vindo desde o nascimento, e aos poucos distribuídos, pois “Pois se O visse de repente, sem preparo, morreria”, é para dedicar-se a anunciar “a palavra essencial de Jesus Cristo”, a qual “Dominará as palavras do patrão e do operário”, ou seja, sobre a voz da modernidade que está afastando o homem de Deus.

Portanto, ressalta-se que a figura do poeta se assemelha à figura de Cristo, devido às semelhanças de conduta e de propósito de vida.

Desta forma, no aspecto estrutural do poema, nota-se que a utilização do tema cotidiano na poesia também foi trazida pelo Modernismo, a qual o poeta adotou na composição do poema, como os exemplos da voz das sirenes e das máquinas, por exemplo.

Outra característica presente é a utilização de termos contrários, as antíteses, característica recorrente da poesia barroca. Tais contradições aparecem na primeira estrofe, através dos termos como “mal e bem”, “amar e ser desamado”, “grandes e pequenos”, dentre outros, o que enfatiza as desigualdades entre a humanidade.

No artigo “Poesia religiosa e Modernismo brasileiro”, Rosana da Silva discorre sobre o fato de Murilo Mendes ter sofrido a conversão ao catolicismo, porém sem a aceitação do “desconcerto do mundo”, o que o faz denunciar as injustiças em seus poemas. (SILVA, 2003, p.181)

Já em relação ao conteúdo formal da poesia, nota-se uma irregularidade. Não como a de Jorge de Lima apresentada acima, visto que este é um poema longo, mas nota-se também a presença de versos livres e brancos, além da irregularidade da separação dos versos nas estrofes, pois na primeira estrofe temos 13 versos, enquanto na segunda têm-se apenas nove. Em relação ao ritmo, observa-se que não há uma rima marcada, porém, nota-se a repetição de palavras, principalmente de “nasci” e “vim para”, o que ressalta a vocação do poeta, do qual o texto fala.

Desta forma, considerando ambos os poemas observa-se que há uma regularidade na temática apresentada, a questão de evidenciar o caráter metapoético em uma perspectiva religiosa, igualando o poeta ao profeta, mas que é exposto por manifestações poéticas diferentes, tanto pela disposição visual do poema, quanto pelo recurso mágico ou pelo tema social.

Outro tema recorrente nos poemas da obra estudada é questão da podridão do século. Nota-se que o pessimismo que envolvia a década de 30 reflete na literatura, além de que este é um dos motivos pelos quais a poesia desta década buscou a renovação da linguagem e da temática, segundo Bosi. Por meio de um tom reflexivo, e neste caso, de cunho religioso, a solução é buscada através da transcendência. Abaixo segue o poema de Jorge de Lima que reflete sobre tais questões.

#### ADEUS, POESIA

Senhor Jesus, o século está podre.  
Onde é que vou buscar poesia?  
Devo despir-me de todos os mantos,

Os belos mantos que o mundo me deu.  
Devo despir o manto da poesia.  
Devo despir o manto mais puro.  
Senhor Jesus, o século está doente,  
O século está rico, o século está gordo.  
Devo despir-me do que é belo,  
Devo despir-me da poesia,  
Devo despir-me do manto mais puro  
Que o tempo de deu, que a vida me dá.  
Quero leveza no vosso caminho.  
Até o que é belo me pesa nos ombros,  
Até a poesia acima do mundo,  
Acima do tempo, acima da vida,  
Me esmaga na terra, me prende nas coisas.  
Eu quero uma voz mais forte que o poema,  
Mais forte que o inferno, mais dura que a morte:  
Eu quero uma força mais perto de Vós.  
Eu quero despir-me da voz e dos olhos,  
Dos outros sentidos, das outras prisões,  
Não posso Senhor: o tempo está doente.  
Os gritos da terra, dos homens sofrendo  
Me prendem, me puxam – me dai Vossa mão.

(LIMA, 1958, p.412)

Neste poema, é possível observar que o eu-lírico clama ao “Senhor Jesus”, no primeiro e no sétimo verso, alegando que o século está “doente”, e remetendo os aspectos da podridão da modernidade. Por exemplo, os adjetivos “rico” e “gordo”, os quais são sinais de fartura, são colocados em uma perspectiva ruim, diante do pessimismo que o século vive. Desta forma, a Natureza Divina que é a fonte de inspiração do poeta torna-se esgotada, pois o “século está podre”.

Além disso, há o caráter metapoético novamente representado, pois se fala sobre a poesia no próprio texto. Ressalta-se que a poesia é elevada, representada como “belo”, “o manto mais puro”, mas que, porém, por estar “acima do mundo,/[...] do tempo, acima da vida” prende o eu-lírico nas coisas terrenas. O fato de o eu-lírico desejar libertar-se deste aprisionamento, remete a questão da transcendência. Observa-se que ao final do poema, o eu-lírico clama ao seu Senhor, para que “dai Vossa mão”, pois mesmo aquilo que o mundo traz de belo, que é poesia, pesa em seus ombros, como nota-se nos versos de 14 a 17.

A partir destas duas concepções expostas, é possível dividir o poema em duas partes: a primeira em que o eu-lírico expõe os deveres; e a segunda mencionando o querer.

O fato do eu-lírico afirmar que “Devo despir-me da poesia” reflete uma ação que *deve* tomada, porém, não demonstra ser uma atitude positiva, visto que o poeta lamenta sobre este fato. O eu-lírico expõe tamanha importância da poesia nos versos 15 e 16, afirmando que “até a poesia acima do mundo, / acima do tempo, acima da vida,” mas que nos versos seguintes afirma que a “me esmaga na terra, me prende nas coisas.”

Tudo isto é posto, pois há um desejo ainda maior no poeta, o querer da “leveza no vosso caminho”, ou seja, o anseio pelo eterno. O eu-lírico reflete sobre esse desejo ao longo dos versos 18 a 22. O desejo de “despir-me da voz, dos olhos, / dos outros sentidos, das outras prisões” o que se lê aqui é a própria concepção sobre o mundo do eu-lírico, o qual deseja abandonar para transcender com o Senhor, no plano do sobrenatural, onde há “uma voz mais forte que o poema”.

Baseado nestas duas concepções apresentadas, o dever e o querer, pode-se notar outro princípio cristão: a renúncia. Nas Sagradas Escrituras é dito que para seguir Jesus é necessário deixar suas paixões, neste caso a poesia, para segui-lo.

Portanto, além da questão da transcendência, afirmar-se que este poema é uma despedida do próprio poema, assim como sugere o próprio título: “Adeus, poesia”.

Já em relação ao caráter formal, pode-se afirmar uma simetria não marcada na divisão do poema. Nota-se que os 12 primeiros versos abordam a questão do dever, que inclusive cria-se um paralelismo nos versos com a expressão “Devo despir-me”; e os 12 versos finais referem-se ao querer do eu-lírico, também criando um paralelismo com a expressão “Eu quero” no início dos versos. É interessante ressaltar que o verso que divide os temas é “até a poesia acima do mundo”, que demarca a importância das palavras poéticas para o poeta.

Entretanto, há presença de traços modernistas diante da irregularidade rítmica e de versificação. Nota-se que os versos se alongam no decorrer do poema, e que o rima é feita através da repetição de palavras e expressões, dito anteriormente.

Desta forma, nota-se novamente a novidade nos versos, tratando-se de uma temática atual, dentro das novas propostas estéticas de libertação do verso.

Enquanto isso, Murilo Mendes irá tratar a podridão do século de uma forma mais ampla e social, como se observa no poema abaixo.

URSS

URSS URSS

Virgem imprudente

Porque não compras azeite para a tua lâmpada,

Porque só pensas no imediato e finito?  
URSS URSS  
Um dia o Esposo há de vir,  
Dará um grito agudo e será tarde.  
Estavas fabricando teus tratores  
Só te ocupavas com a produção de kolkozos  
E não reparastes que o Esposo já vem  
Trancou-se no quarto vermelho com tuas irmãs  
URSS

URSS URSS  
Varre tuas casas teus parques de cultura  
Solta no espaço teus aviões acende teus refletores  
Chama teus vizinhos porque achaste o rublo perdido  
A palavra eterna que te alimenta sem que o saibas  
URSS URSS  
URSS  
Já dispersaste teus bens  
Para procurar o que existe em ti desde o principio.  
Volta ao lar do teu Pai onde há muitas moradas  
Volta para a comunidade dos filhos de Deus  
Ó pródiga ó generosa  
Ouvirás a sinfonia complexa dos órgãos, dos sinos  
Misturados com os apitos de sirenes de fábricas  
E verás a dança múltipla dos irmãos que te aclamam  
Ó irmã transviada  
URSS URSS URSS

(MENDES, 1994, p.253)

Logo pelo título do poema, percebe-se o tom social que Murilo Mendes aplica em seus poemas. O termo “URSS” na época representava a sigla da antiga Rússia e de várias outras repúblicas socialistas, como a Ucrânia, Estônia, Lituânia, dentre outras que era denominada “União das Repúblicas Socialistas Soviéticas”, pelo sistema socialista empregado. Além disso, ao longo do poema nota-se que o eu-lírico denuncia aqueles que, influenciados pelo mundo moderno, apenas ocupavam-se com os afazeres dos negócios. Nos versos oito e nove, ressalta-se a denuncia daqueles que somente pensavam em fabricar tratores ou cuidar da produção de “kolkozos”, o que é uma propriedade rural da antiga União Soviética para trabalho dos camponeses. Também no verso quatro, o eu-lírico confronta o apego à materialidade “Por que só pensas no imediato e no finito?”.

Entretanto, a novidade temática é realizada pelo diálogo com as Sagradas Escrituras e suas parábolas contadas pelo Cristo, Jesus. Estas são recontadas pelo eu-lírico de Murilo Mendes e estão aliadas ao contexto social daquela época.



A primeira encontra-se nos versos de dois a quatro, em que a denúncia é feita embasada na parábola contada por Jesus no Novo Testamento, “A parábola das 10 virgens”, que se encontra no livro de Mateus, capítulo 25, nos versículos de 1-12. A parábola narra a história das virgens prudentes – que esperam pela volta do Esposo, e as imprudentes – que não se preparam para este encontro. Aqui, o poeta utiliza-se deste discurso, dialogando diretamente com as “Virgens imprudentes”.

A segunda intertextualidade está presente nos versos de seis a onze, onde há alusão ao apocalipse, alertando seus leitores sobre a volta de Jesus. Nota-se que as imagens apocalípticas são trazidas pelo contexto atual da época, como se vê nos versos de sete a nove, em que diz: “Um dia o Esposo há de vir, / Dará um grito agudo e será tarde./ Estavas fabricando teus tratores./ Só te ocupavas com a produção dos kolkozoes.”.

A terceira menção as páginas bíblicas estão nos versos 14 a 17, sobre a “Parábola do rublo perdido”, encontrada no livro de Lucas, capítulo 15, nos versículos de 8-10. Esta também traz uma referência à modernidade, quando o eu-lírico versifica “Solta no espaço os aviões acende teus refletores”, visto que a parábola fala sobre a mulher que se contenta quando acha um rublo perdido, isto é, uma moeda, e varre toda casa até encontrá-la.

Outra referência direta é quando o poeta assume as palavras do próprio Jesus, no verso 22: “Volta ao lar do teu Pai onde há muitas moradas”, que está no livro de João, capítulo 14, nos versículos de 1 a 3.

E, por fim, o poema se fecha com as próprias palavras do poeta, denunciando a modernidade. É possível interpretar através destes versos que a vida moderna está interferindo na vida religiosa das pessoas, pois nos últimos versos o eu-lírico prediz os sons da sinfonia que tocam “Misturados com os apitos das sirenes das fábricas”. Além disso, a sigla URSS é colocada ao longo do poema como versos, o que faz com que se lembre de uma onomatopeia de barulho das máquinas, além do significado já comentado acima.

Nota-se, portanto, que diferente de seu parceiro, o eu-lírico de Murilo Mendes ao invés de desejar a transcendência, faz um apelo àqueles que foram corrompidos pela modernidade individualista. Observa-se nos versos que remetem as Sagradas Escrituras, abordam somente a temática apelativa, clamando para que aqueles que se perderam, voltem aos caminhos do Senhor, visto que Ele em breve voltará.

Assim, cria-se o ritmo, através do “URSS”, cujo termo que divide as intertextualidades com a bíblia ao decorrer da poesia. Nota-se novamente uma estrutura moderna, com

irregularidades de estrofes, visto que a primeira tem 12 e a segunda com 17 versos; irregularidade rítmica e de versificação, ou seja, versos livres e brancos.

Diante da temática exposta pelos poetas, acerca de como um poeta que serve ao Deus Altíssimo deve se portar diante de uma sociedade que passa por um momento de abonação material, mas de um afastamento do caminho religioso, os escritores modernistas propõem cada um a sua solução.

Na próxima poesia a ser analisada, verifica-se como o eu-lírico de Jorge de Lima lida com tal dilema entre viver num mundo corrompido e viver com Deus.

### QUERO SER ENSINADO POR DEUS

De que ponto sopra o vento das instabilidades?  
Que cansaço de contemplar as pátrias!  
Quero o antecedente, quero o fim.  
Quero ser ensinado por Deus.  
Ciência não me satisfaz.  
Mundo não me satisfaz.  
Diabo não me distrai.  
Quero ser ensinado por Deus.  
Os apoios terrestres são frágeis.  
As montanhas são fracas demais.  
Dai-me a vossa mão para sair do vácuo.  
Deus me degole do mundo.  
Carne não me satisfaz.  
Não conheço coisas necessárias.  
Quero ser ensinado por Deus.  
Tudo é casual nesse charco.  
Quero ser ensinado por Deus.

(LIMA, 1958, p. 398)

Logo pelo título do poema apresentado, nota-se o desejo de andar nos caminhos de Deus, e o fim das coisas instáveis, como se lê no terceiro verso. Claramente é dito que as coisas do mundo, mesmo a ciência, a carne não satisfazem mais o eu-lírico – nota-se que tais objetos listados eram de grande desejo pela sociedade da época, diante de uma modernização tecnológica e social. O anseio volta-se novamente para a transcendência, ou seja, a vontade de unir-se ao mundo espiritual visto que é expresso nos versos 11 e 12: “Dai-me Vossa mão para sair do vácuo./Deus me degole do mundo”.

Nota-se neste poema um eu-lírico mais decidido sobre sua fé, em relação ao último poema apresentado de Jorge de Lima, o qual se encontrava na dualidade entre querer e poder.

Desta forma, em versos breves e claros o poeta rejeita o mundo e a sua vivência nele, pois tudo é “casual”, como é dito no penúltimo verso.

Entretanto, ao longo do poema é recorrente a utilização do mesmo verso “Quero ser ensinado por Deus”, como uma forma de paralelismo. Verso o qual, além de ditar o ritmo do poema, enfatiza o desejo do poeta. Desta maneira, pode-se dizer através da repetição do verso, e das palavras, que a rima é inserida no poema, de uma forma irregular. Assim como a versificação, que varia de seis sílabas métricas a 14, porém distribuídas de forma irregular novamente.

Enquanto o eu-lírico de Jorge de Lima clama pelo “antecedente” e o “fim” das coisas instáveis e casuais, o eu-lírico de Murilo Mendes sofre com as influências do mundo em sua vida cristã, como se verifica no poema abaixo.

### ANGÚSTIA E REAÇÃO

Há noites intransponíveis,  
Há dias em que para nosso movimento em Deus.  
Há tardes em que qualquer vagabunda  
Parece mais alta do que a própria musa.  
Há instantes em que um avião  
Nos parece mais belo que um mistério de fé  
Em que a teoria política  
Tem mais realidade que o Evangelho.  
Em que Jesus foge de nós, foi para o Egito:  
O tempo sobrepõe-se à ideia do eterno.  
É necessário morrer de tristeza e nojo  
Por viver num mundo aparentemente abandonado por Deus,  
E ressuscitar pela força da prece, da poesia e do amor.  
É necessário multiplicar-se em dez, em cinco mil.  
É necessário chicotear os que profanam as igrejas  
É necessário caminhar sobre as ondas.

(MENDES, 1994, p.252)

Observa-se que o teor do início do poema relata a dificuldade do poeta em seguir todos os dias uma vida cristã. Notam-se os relatos da angústia, e de como as coisas simples do cotidiano tiram a atenção daquilo que é eterno. Um simples avião, uma teoria política, até mesmo “uma vagabunda”, faz parecer que o mundo foi abandonado por Deus, e a fé do cristão, desta forma, é abalada.

Uma técnica utilizada pelo poeta para relatar tal dualidade em que o eu-lírico se encontra é as oposições, características utilizadas no movimento estético Barroco, as quais

são: vagabunda versus musa; avião versus fé e teoria política versus evangelho. Nota-se que o eu-lírico utiliza-se de palavras correspondentes, ou seja, de mesmo cunho semântico, mas que se referem ao plano terrestre e ao plano espiritual.

Entretanto, nos quatro versos finais nota-se a “reação” daquele que ainda crê. Mesmo que o mar esteja com ondas, como diz no último verso: “É necessário caminhar sobre as ondas”. Nota-se aqui uma referência ao episódio de Jesus e seus discípulos quando em meio a uma tempestade veem seu Senhor caminhar sobre o mar agitado. Tal referência encontra-se no episódio narrado nas Sagradas Escrituras, no livro de Mateus, capítulo 14, nos versículos de 22 a 31. “É necessário caminhar sobre as ondas”, ou seja, a força da prece, do amor e da poesia necessita ressurgir para que o caminho continue a ser seguido, como diz no verso 13. Mesmo com a possível perseguição que um cristão possa seguir, é necessário passar por cima das dificuldades, como diz no verso 15.

Desta forma, nota-se que o eu-lírico, ao contrário do outro poema analisado, não deseja romper com o mundo, mas deseja reagir àquilo que “para nosso movimento em Deus”. No verso 11, o eu-lírico afirma que “É necessário morrer de tristeza e nojo” por viver em meio a um mundo onde aqueles que criam, deixaram sua fé, mas também afirma que é preciso “ressuscitar” por meio das coisas que trazem força a ele.

Neste poema é clara a divisão e a evolução que o eu-lírico sofre: passa por um relato de angústia a uma reação para a vida. Desta forma, faz-se uma divisão simétrica da divisão do tema ao longo do poema. Os primeiros oito versos tratam da angústia do eu-lírico; os próximos quatro versos alegam sobre um suposto sentimento de abandono por Deus; e nos últimos quatro versos tratam-se da reação.

Para isso, são utilizados recursos de anáfora, em que há a repetição da mesma palavra no início dos versos. Observa-se nos versos iniciais a repetição do verbo “Há”, que enfatiza os momentos de angústia sofridos pelo poeta. Já nos versos finais, nota-se a repetição da expressão “É necessário”, que enfatiza o poder de reação diante de uma adversidade.

Desta forma, constrói-se o ritmo do poema. Em relação às rimas, nota-se uma irregularidade, visto que não há rimas regulares no fim do verso. Assim como há irregularidade métrica na versificação, o que os permite afirmar que a estrutura do poema encaixa-se nas propostas modernistas.

Contudo, por meio das análises dos poemas é possível afirmar que a obra *Tempo e Eternidade* trata de um tema universal, a religiosidade, sobretudo a importância da palavra de Deus. Além disso, a questão do tempo é bem representada, tanto pela questão do nome da

obra, como a forma em que aparece nos poemas. Observa-se, no geral dos poemas apresentados, que o tempo se constitui a partir de um passado mítico, da modernidade através do presente, e do eterno, um tempo que está acima de todos, um tempo sobrenatural.

Entretanto, os poetas lidam com a questão do tempo de formas diferentes, mas com propósito semelhante. Em Murilo Mendes, nota-se que a questão do eterno prevalece sobre a modernidade. O próprio poeta afirma em “Vocação do poeta”, onde diz “Vim para sofrer as influências do tempo/ E para afirmar o princípio eterno de onde vim.”. Entretanto, ao longo da apresentação dos poemas, nota-se a angústia que o eu-lírico sente em viver nesta dualidade do plano da modernidade e do plano do eterno.

Segundo Rosana Silva, “O poeta busca a eternidade em detrimento do tempo presente, mas frustra-se constantemente ao perceber-se impotente.” (SILVA, 2003, p.135). Desta forma, nos poemas de Murilo Mendes nota-se a relação entre sagrado e profano, visto que as dificuldades de viver uma vida cristã em pleno desenvolvimento do mundo moderno tendem a afastar o poeta da religiosidade.

Por outro lado, temos a poesia de Jorge de Lima, o qual seu eu-poético revela-se como imponente diante de um século podre e de uma forma de vida apegada aos bens materiais que a humanidade tem vivido. Entretanto, foi visto em “Poeta, Poeta, não podes” que a missão de pregar a palavra de Deus, e de ser como um profeta é superior. O eu-lírico deseja afastar-se das práticas instáveis da vida para viver o sobrenatural, o eterno, onde o desejo de transcendência se acentua. Desta forma, pode-se afirmar que o eterno se sobrepõe à modernidade em Jorge de Lima, assim como em Murilo Mendes.

Além disso, a unidade da obra se estabelece através da própria poesia. Pode-se afirmar que o caráter metapoético aqui representado tem mais de uma função. Embora a função da poesia seja um meio onde os poetas podem expressar-se, como Murilo Mendes faz, relatando toda sua angústia e reagindo através dela. Ou para Jorge de Lima, que faz da poesia como um meio para chamar a atenção dos homens modernos denunciando toda a podridão do século. A poesia também cria um espaço para a mudança, visto que tanto Murilo Mendes como Jorge de Lima convida seus leitores a voltar “ao lar do teu pai”, “para a comunidade dos filhos de Deus”, pondo em prática o papel do poeta como profeta.

Rosana Silva afirma que “A poesia, portanto, faz se extensão da criação divina, caminho de suma importância para que o homem possa pregar a palavra da salvação.” (SILVA, 2003, p.135). Desta forma, pode-se dizer que a unidade da obra *Tempo e Eternidade*

se constrói por meio da poesia, que os escolheu como profetas a fim de cumprir a missão do Altíssimo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, através das ideias apresentadas ao longo do trabalho, pode-se afirmar que *Tempo e Eternidade* de Jorge de Lima e Murilo Mendes é uma obra que traz grandes contribuições à literatura brasileira referente à segunda fase do Modernismo (1930-1945).

O projeto “Restaurando a poesia em Cristo” dos poetas brasileiros soube como lidar com as tensões da década de 30, diante do pessimismo vivido em meio às transformações da sociedade, desenvolvimento de tecnologias e ao início da Segunda Grande Guerra (1939-1945). Através de um caminho em busca do sagrado, o projeto dos poetas demonstrou como pela poesia é possível colocar-se diante de um Deus, deixando de lado os aspectos materialistas e instantâneos que o mundo moderno começa a introduzir no cotidiano do homem, como prioridade. Desta forma, nota-se como é possível trazer um sentido espiritual em meio a um “século podre”, como o próprio Jorge de Lima diz em um de seus poemas.

Além disso, observa-se como a busca pela renovação temática e da linguagem concretiza-se através desta obra. Por meio dos poemas analisados, foi possível constatar a grande contribuição trazida ao período literário – “a edificação de um organismo literário coerente”, segundo as palavras de Massaud Moisés (MASSAUD, 1973, p. 375). Observou-se a harmonia entre renovação temática, com a proposta da poesia religiosa, e a renovação formal, deliberada pela proposta modernista de 22.

Desta maneira, é possível afirmar também que *Tempo e Eternidade* marca sua relevância poética como um divisor de águas diante das modificações literárias que o Brasil vivia no início do século XX. Pode-se afirmar que esta é uma obra moderna, sem extremismos, em que os poetas souberam aproveitar do caminho aberto a novas possibilidades estéticas, porém, sem excesso de experimentalismo. Nesta obra, foi possível reunir linguagem renovada dentro de formas livres.

Considera-se também uma grande contribuição à literatura religiosa, que sempre teve seu espaço diante do panorama da Literatura Brasileira. Por meio de características místicas e ação do sobrenatural, a poesia faz de si um caminho para Deus, assim como uma nova forma de pregar a Verdade do Evangelho aos leitores, como fazem Jorge de Lima e Murilo Mendes. Ressalta-se que a proposta da obra é denunciar aos homens modernos uma vida afastada da Verdade em Cristo; assim, como visto nos poemas analisados no último capítulo, nota-se o apelo dos poetas para que os homens voltem às questões essenciais da vida.

Finalmente, conclui-se afirmando que a significativa obra publicada em 1935, “*Tempo e Eternidade*”, conquista seu espaço na história da poesia brasileira. Seus belos versos

dogmáticos e elevados, como uma pura representação da exaltação à arte cristã, transpõem a poesia a um nível superior, sobrenatural, diante da volta às preocupações essenciais da vida, mesmo em meio às conturbações da vida moderna.



## REFERÊNCIAS

ANDRADE, C.D. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

ANDRADE, M. de. **Poesias Completas** – Edição crítica de Diléa Zanotto Manfio. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1987.

ANDRADE, O. **Primeiro caderno de poesia do aluno**. São Paulo, 1927.

ARAGUAIA, V. de; MAGALHÃES, D. J. G. de. **Suspiros poéticos e saudades**. Rio de Janeiro: Em Casa do Senhor João Pedro da Veiga, 1836

ATAÍDE, T. **A desforra do Espírito**. In: COUTINHO, A.(Org.). **Obra completa, Volume I: poesia e ensaios**, Rio de Janeiro: Editora José Aguilar LTDA, 1959. p 377-379.

BANDEIRA, M. **Libertinagem**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1930.

BARRETO, Tobias. **Dias e noites – Edição Comemorativa**; Rio de Janeiro: Editora Record – Instituto Nacional do Livro, Ministério da Cultura, 1989

BASTIDE, R. **Poetas do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1997

BOSI, A. **A história concisa da literatura brasileira**. 47 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BUENO, A. **Uma história da poesia brasileira**. Rio de Janeiro: G. Ermakoff Casa Editorial, 2007

CÂNDIDO, A. **Na sala de aula** – Caderno de análise literária. São Paulo: Ática, 1985

CÂNDIDO, A. **Estudo analítico do poema**. São Paulo: FFLCH-USP, 1996.

COUTINHO, A. (Org). **Jorge de Lima: Obra completa, Volume I: poesia e ensaios**. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar LTDA, 1959.

CRUZ E SOUZA. **Poesias completas: Broquéis - faróis - últimos sonetos**. São Paulo:

Publifolha, 1997

DURÃO, S.R. **Caramuru: poema épico**. Fundação da biblioteca nacional, 1781

DURAZZO, L. **Gestação de Orfeu: profecia e transcendência na poesia de Jorge de Lima**.

Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2013

HADDAD, J. A. **O livro de ouro da poesia religiosa brasileira**. Rio de Janeiro: Tecnoprint gráfica. p 7-12, 1966

LIMA, J. **Invenção de Orfeu**. Rio de Janeiro: Tecnoprint Gráfica S.A, 1968

MATOS, G. de. **Seleção de Obras Poéticas**. São Paulo: Projeto Vercial, 1998.

MOISÉS, M. **A Literatura brasileira através dos textos**. 2ªed. São Paulo: Editora Cultrix LTDA, 1973

PICCHIO, L. S. (Org.). **Poesia completa e prosa, volume único/Murilo Mendes**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994

QUINTANA, M. **Coleção dos melhores poemas**. 15ªed. São Paulo: Global Editora, 2002

SILVA, R. R. **Poesia religiosa e o modernismo brasileiro**. Cerrados: Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura, n.15, ano 12, 2003, p. 173-189

\_\_\_\_\_. **Tempo e Eternidade: A poesia religiosa de Jorge de Lima e Murilo Mendes**. Terra Roxa e outras Terras: Revista de Estudos Literários, Vol 3, 2003, p. 119-136

SCHMIDT, A.F. **Canto da Noite**. São Paulo: Nova Fronteira, 1986

VARELLA, F. **Anchieta ou O Evangelho nas Selvas**. Rio de Janeiro: Livraria Imperial, 1875